

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CATHERINE DA SILVA CUNHA

Jatakas: o processo de representação e materialização
de um fenômeno infocomunicacional

Porto Alegre
2009

CATHERINE DA SILVA CUNHA

Jatakas: o processo de representação e materialização de um fenômeno infocomunicacional

Trabalho de Conclusão do Curso realizado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira

Porto Alegre
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-diretor: Profa. Dra. Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Me. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe substituta: Profa. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

Vice-coordenadora: Profa. Me. Samile Andréa de Souza Vanz

C972r Cunha, Catherine da Silva
 Jatakas: o processo de representação e materialização de um fenômeno infocomunicacional / Catherine da Silva Cunha; orientadora Lizete Dias de Oliveira. - 2009. - Monografia (Graduação em Biblioteconomia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2009.
 58 f.

 1. Biblioteconomia 2. Jatakas 3. Informação 4. Fenômeno infocomunicacional 5. Paradigma pós-custodial I. Oliveira, Lizete Dias III. Título.

CDU 02:007

CDD 020

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Campus Saúde

Bairro Santana

Porto Alegre-RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 33085067

Catherine da Silva Cunha

Jatakas: o processo de representação e materialização de um fenômeno infocomunicacional

Trabalho de Conclusão do Curso
realizado como requisito para obtenção do
grau de Bacharel em Biblioteconomia, na
Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Aprovado em 10/07/2009.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Me. Martha E. Krummenauer Kling Bonotto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rafael Port da Rocha
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ao longo de minhas muitas vidas e até este momento, todas as virtudes que tenha alcançado, inclusive o mérito gerado por esta prática, e todas as que vier a conseguir, ofereço para o bem-estar dos seres sencientes.

Possam a doença, guerra, fome e sofrimento diminuir para todos os seres, enquanto a sua sabedoria e compaixão aumentam nesta e em vidas futuras. [. . .]

(Dedicação da prática concisa de Tara Vermelha)

Agradecimentos

Há tanto a agradecer a tantas pessoas, que tenho até receio de esquecer de alguém e ser injusta. Então, de forma geral, obrigado a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho: amigos, Lamas, colegas, e professores.

Família! Mãe, irmãos, avós, tios, primos: vocês foram e sempre serão meu porto seguro! Ainda não conheço palavra que possa expressar a minha gratidão, por tudo, tudo mesmo que fizeram. Eu sou um pouco de todos vocês, porque o amor e orgulho que sinto é tão grande que não cabe apenas no meu coração; preciso ser isso.

Dieimes, foram anos de vestibular, estresse, finais-de-semana de dedicação quase exclusiva aos trabalhos da faculdade, e sempre estivestes presente, com a tua paciência comigo e misturada com um nervosismo todo teu. Obrigada meu anjo pela tua companhia e apoio todos esses anos! Estamos apenas engatinhando...

Obrigada, principalmente, à Professora Lizete Dias de Oliveira, pela atenção, por acreditar, por incentivar, por elogiar e também por criticar/sugerir, sempre oportunamente. Talvez eu não consiga em palavras expressar o quanto esse trabalho foi prazeroso, o quanto as reflexões que ele propiciou acrescentaram ao meu conhecimento. Obrigada por oportunizar essa “perturbação” tão positiva pra mim!

Professora Martha Bonotto, obrigada pelo constante interesse no trabalho e auxílio nas traduções!

Resumo

Constitui um trabalho teórico que tem como objetivo refletir sobre o conceito de informação compreendida como um fenômeno humano e social, bem como sobre o fenômeno infocomunicacional, através da representação e da materialização das Jatakas: histórias Budistas do Século VI a.C. que narram as vidas passadas de Buda Shakyamuni e que constituem o objeto deste estudo. Apresenta as histórias Jatakas, o seu significado, o seu contexto nos Ensinamentos Budistas e o seu objetivo. Demonstra como a informação compreendida como um fenômeno humano e social encontra correspondente nessas histórias, bem como o seu contraste em relação a sua definição tradicional que defende a sua gênese na solidificação no documento, como a definição que propõe Yves-François Le Coadic. Mostra o processo de representação das Jatakas através da transcrição de três histórias que demonstram a constância do seu conteúdo nuclear (as vidas passadas de Buda enquanto Bodisatva). Traça um paralelo com o filósofo Paul Ricoeur e a sua reflexão no artigo “Arquitetura e Narratividade” para analisar o processo de materialização escrita e imagética das Jatakas ao longo dos estágios por ele denominados preconfiguração, configuração e reconfiguração. Analisa o processo de materialização escrita a partir da sua tradução mais famosa intitulada “*The Jataka or stories of the Buddha’s former births*”. Apresenta diferentes materializações imagéticas através de pinturas e esculturas em santuários, templos, cavernas e peças de museus. Aborda o fenômeno infocomunicacional como um todo o qual envolve a informação e a comunicação decorrente da interação entre indivíduos. Aponta como ocorre este fenômeno nas Jatakas através da sua representação e materialização. Defende que o fenômeno infocomunicacional é reforçado pelo Paradigma Pós-custodial sugerido por Silva (2006) e Silva e Ribeiro (2002), no qual se percebe uma mudança comportamental em relação à procura, obtenção, concepção e disseminação da informação, e que reflete na alteração epistemológica da percepção do objeto da Ciência da Informação, bem como da sua prática. Compara o Paradigma Custodial ainda vigente na Ciência da Informação com o Paradigma Pós-custodial que se apresenta como reflexo das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Conclui que a adoção do Paradigma Pós-custodial contribui para as atividades do profissional da informação através da valorização do aspecto histórico e cultural da

informação pela sua natureza ontológica e do fomento do fenómeno infocomunicacional do qual deixa de ser espectador e passa a fazer parte.

Palavras-chave: Informação social. Fenômeno infocomunicacional. Histórias Jatakas. Paradigma pós-custodial.

Abstract

It is a theoretical study that aims to reflect upon the concept of information understood as a human and social phenomenon, as well as the infocommunicational phenomenon, by means of the representation and materialization of the Jatakas: Buddhist stories of the sixth century BC that tell the past lives of Shakyamuni Buddha and are the object of this study. It presents the Jataka stories, their meaning, their context in Buddhist teachings and their goal. It demonstrates how information, understood as a human and social phenomenon, is relevant in these stories, and how this contrasts with the traditional definition that favors the genesis of information in the concreteness of the document, as suggests the definition of Yves-François Le Coadic. It shows the process of representation of the Jatakas transcribing three stories that demonstrate the constancy of their core content (the past lives of Buddha as Bodisatva). It draws a parallel with the ideas of the philosopher Paul Ricoeur expressed in the article "Architecture and narrative" to analyze the process of the written expression and the imagery of the Jatakas over the stages he called preconfiguration, configuration and reconfiguration. It examines the process of written materialization from the viewpoint of its most famous translation: "The Jataka or stories of the Buddha's former births". It presents different imagetic materializations, such as paintings and sculptures, that exist in shrines, temples, caves and museums. It approaches the infocommunicational phenomenon as a whole, which involves information and communication as a result of the interaction among individuals. It indicates how this phenomenon occurs in the Jatakas, through their representation and expression. It defends that the infocommunicational phenomenon is reinforced by the Post-custodial Paradigm suggested by Silva (2006) and Silva and Ribeiro (2002), in which a behavioral change can be perceived in relation to demand, retrieval, production and dissemination of information; this reflects the epistemological change in perception of the object of Information Science, and its practice. It compares the still current Custodial Paradigm in Information Science with the Post-custodial Paradigm, which is presented as a reflection of Information and Communication Technology (ICT). It concludes that the adoption of the Post-custodial Paradigm contributes to the activities of information professionals by enhancing the historic and cultural features of information, due to its ontological nature and the

promotion of the infocommunicational phenomenon; in relation to it, they no longer act as spectators, but do become part of.

Keywords: Social information. Infocommunicational phenomenon. Jataka stories. Post-custodial paradigm.

Lista de ilustrações

Figura 1	Roda da Vida.....	15
Figura 2	Paradigmas da Informação.....	21
Figura 3	Paralelo entre Narratividade e Escrita; Arquitetura e Imagem.....	28
Figura 4	Litta-Jataka (nº 91).....	41
Figura 5	Romaka-Jataka (nº 277).....	41
Figura 6	Cavernas de Ajanta.....	42
Figura 7	Mahajanaka-Jataka (nº 539).....	43
Figura 8	Vessantara-Jataka (nº 547).....	44
Figura 9	Vessantara-Jataka (nº 547).....	45
Figura 10	Pôster comemorativo do Dia Internacional do Livro 2008.....	48
Figura 11	Campo de estudo infocomunicacional.....	50
Figura 12	Fenômeno infocomunicacional através da representação e da materialização das Jatakas.....	51
Figura 13	Quadro comparativo do Paradigma Custodial e Pós-custodial na Ciência da Informação.....	52

Sumário

1 Introdução	9
2 Histórias Jatakas	14
3 A informação no contexto das histórias Jatakas	19
4 O processo da representação e da materialização das histórias Jatakas	25
4.1 O processo de representação das histórias Jatakas	29
4.2 O processo de materialização das histórias Jatakas	36
4.2.1 <i>Materialização através da escrita</i>	<i>37</i>
4.2.2 <i>Materialização através da imagem</i>	<i>39</i>
5 O fenômeno infocomunicacional através da representação e da materialização da informação no contexto das histórias Jatakas	50
6 Considerações finais	54
Referências	56
Glossário de termos Budistas	57

1 Introdução

A presente monografia tem como objeto de estudo as histórias Jatakas, ou seja, histórias Budistas do Século VI a.C. que narram as vidas passadas do Buda Shakyamuni (563 a.C. a 483 a.C.), o Buda da nossa era.

É importante compreender desde já que o termo "Buda" não é um nome próprio, embora geralmente seja utilizado para referir-se à Shakyamuni ou Gautama. Muitos Budas já existiram em diferentes eras e acredita-se que o próximo Buda, denominado Maitreya, surgirá quando os ensinamentos de Buda Shakyamuni desaparecerem.

Cabe ressaltar também, que o foco deste estudo não é a Religião Budista, nem almeja explorar os ensinamentos contidos nas histórias Jatakas. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a informação como fenômeno humano e social, com base na compreensão do fenômeno infocomunicacional proposto por Silva e Ribeiro (2002) e Silva (2006), e que é compartilhado por Ilharco (2003), dentro do contexto da Ciência da Informação (C.I.) que será aqui entendida como:

[. . .] uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenômeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais [. . .] (SILVA, 2006, p. 140-141)

Portanto, entendemos que a C.I. tratar-se de uma área inter e transdisciplinar na qual está inserida a Biblioteconomia. Essa definição de C.I. foi adotada por diversas razões: por subsidiar os conceitos de informação e fenômeno infocomunicacional que nortearão esse estudo; por permitir observar as histórias Jatakas tanto vinculadas a um suporte como desvinculadas dele, assim como analisar sua gênese, contexto e reflexos não só na comunidade Budista, mas também em diferentes países e culturas; e por último, mas não menos importante, por esclarecer e demonstrar de forma satisfatória a prática Biblioteconômica científica e que não se percebe na prática tecnicista e mecanicista tradicional principalmente em relação à organização e ao tratamento da informação.

Não obstante, cabe também desde já, compreender que a informação (o objeto da C.I.) será aqui compreendida como um:

[. . .] conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada (SILVA; RIBEIRO, 2002, p. 37).

Tal como propõem Silva e Ribeiro (2002) e é retomado por Silva (2006), o carácter fenomênico da informação, estaria amparado nos seus aspectos humanos e sociais que a concebem, dão forma, e permitem a sua interação e transmissão configurando o seu aspecto comunicacional.

Outro conceito importante para esse estudo é o de fenómeno infocomunicacional. É importante entender que ele remete tanto à informação como à comunicação, sendo esta dependente daquela e compreendida como um processo sistêmico decorrente da interação, configurando-se aí o carácter social da informação.

Logo, a comunicação contextualizada nesse fenómeno não seria linear como propõe a Teoria da Comunicação, na qual um emissor transmite uma mensagem a um receptor, pois na infocomunicação o carácter subjetivo da informação é levado em conta. Assim, entende-se que um fenómeno manifesta-se tanto ao conceber a informação na psiquê humana, como ao proceder à comunicação através da interação que refletirá, ou não, em uma perturbação e que, por sua vez, pode resultar, ou não, em nova informação.

Em suma, o carácter fenomênico da informação em um processo infocomunicacional, estaria relacionado à reação que ela causa, ou pode causar, no sujeito, dependendo, também, essa reação comunicativa, de suas faculdades psicossomáticas. O indivíduo, portanto, é entendido não como um receptor passivo de informações, mas como sujeito inserido em um processo informacional e com comportamento informacional.

Assim, as Jatakas são analisadas neste estudo em dois níveis de representação: no primeiro nível através da palavra e da imagem, desde a sua origem, a partir da oralidade, até o fenómeno infocomunicacional através da

representação do núcleo da sua história que é constante nas diferentes narrativas independentemente do suporte no qual se apresenta. No segundo nível, tratamos da representação a partir de sua materialização: da materialização imagética na qual são representadas em pinturas e esculturas em santuários, templos e cavernas à materialização escrita através de traduções e adaptações em diferentes livros e publicações.

O capítulo **Histórias Jatakas** é uma apresentação do que são essas histórias, de como surgiram, da sua mensagem ou objetivo, assim como do seu contexto em relação aos cânones Budistas. Para compreender o propósito das Jatakas, esclarecemos alguns conceitos fundamentais, tais como *Bodisatva*, *Samsara*, carma e venenos da mente.

No capítulo **A informação no contexto das histórias Jatakas**, serão mencionadas as diferenças conceituais ocidentais e orientais que se evidenciam ao estudar as Jatakas sob a ótica da C.I. Além disso, a partir da proposta metodológica denominada “Enquadramento de Paradigmas” formulada pelos sociólogos Gibson Burrell e Gareth Morgan, apresentada por Fernando Ilharco (2003), determinar-se-á o paradigma adotado para análise da informação e do fenômeno infocomunicacional através da representação e a materialização da informação.

A explanação sobre a representação e a materialização das Jatakas realizada no capítulo **O processo da representação e da materialização das histórias Jatakas** acompanhará o paralelo proposto pelo filósofo Paul Ricoeur entre arquitetura e narratividade em etapas denominadas preconfiguração, configuração e reconfiguração, correspondendo neste estudo à materialização imagética e escrita da representação dessas histórias.

Para demonstrar o fenômeno infocomunicacional através da representação, três histórias serão transcritas a partir da obra intitulada "*The Jataka or Stories of the Buddha's Former Births*", traduzida e publicada pela *The Pali Text Society*. A sua escolha partiu da sugestão do Lama Padma Norbu, um dos professores do Darma¹ do Chagdud Gonpa Brasil², que a considera como a principal e mais fidedigna tradução. Já a escolha das histórias transcritas deu-se de forma

¹ Expressão utilizada para referir-se aos ensinamentos de Buda.

² No Budismo existem três principais escolas: o *Hinayana*, o *Mahayana*, e o *Vajrayana*, e estas dividem-se em linhagens ou tradições. O Chagdud Gonpa Brasil faz parte de uma rede internacional de centros da tradição Nyingma do Budismo Tibetano Vajrayana cuja origem é o Chagdud Gonpa no Tibete.

aleatória. O objetivo é demonstrar, através de diferentes narrativas, com diferentes personagens e situações apresentadas, a constância do núcleo das Jatakas.

Em relação ao fenômeno infocomunicacional através da materialização escrita, a já mencionada obra serviu como base para demonstrar o processo de configuração da mensagem proposta por Paul Ricoeur (1998), em um suporte e numa forma passível de comunicação. Por sua vez, o fenômeno através da materialização imagética será aqui demonstrado a partir de imagens obtidas na Internet de esculturas e pinturas em santuários, templos e cavernas na Índia, bem como de peças preservadas e expostas em museus em diferentes países.

Por fim, no capítulo **O fenômeno infocomunicacional através da representação e da materialização da informação no contexto das histórias Jatakas**, é abordada a infocomunicação como um processo decorrente da relação entre a informação humana e social e da comunicação que é oriunda da interação entre indivíduos. Em relação às Jatakas, apontará como ocorre o processo infocomunicacional, através da sua representação e das suas materializações.

Não obstante, será discutido o papel do Paradigma Pós-custodial como propulsor do fenômeno infocomunicacional, o seu reflexo em relação ao comportamento informacional dos usuários, bem como em relação à base epistemológica da C.I. no que diz respeito ao seu objeto e a sua prática. A adoção do Paradigma Pós-custodial permitirá ao profissional da informação assumir uma posição científica e transparente no estudo das três áreas da Ciência da Informação, ou seja, através do estudo da gênese, organização e comunicação do seu objeto (a informação). Logo, afastando-se do Paradigma Custodial até hoje vigente, no qual o documento configurou-se como o cerne da sua prática tecnicista amparada em ferramentas, manuais, códigos e catálogos, o foco da prática passaria a ser a Informação.

Assim, pretende-se demonstrar através das Jatakas, como a informação pode ser entendida e percebida como humana e social, propulsora de um fenômeno infocomunicacional através da concepção e interação da informação. Além disso, demonstrará como a Ciência da Informação encaminha-se para o Paradigma Pós-custodial defendido por Silva (2006) e Silva e Ribeiro (2002) através de uma mudança epistemológica tanto em relação à percepção do seu objeto (a informação) como em relação à prática profissional. Entende-se que essa mudança configura-se como positiva por estar em consonância com o comportamento informacional que se

apresenta; por permitir ao profissional da informação uma percepção mais ampla do seu objeto; bem como por oportunizar a ele assumir uma postura pró-ativa, participativa e científica em relação ao fenômeno infocomunicacional que experienciamos, para além da mediação e disseminação da informação.

2 Histórias Jatakas

O termo Jataka significa no idioma pali “narrativas de nascimentos”, e enquanto histórias, referem-se às narrativas das vidas passadas do Buda Shakyamuni (563 a.C. a 483 a.C.), o Buda da nossa era. Assim, as histórias Jatakas referem-se às vidas que antecederam aquela na qual ele atingiu a Iluminação³ aos 35 anos de idade, aproximadamente em 525 a.C, na Índia.

De acordo com os ensinamentos Budistas, a lembrança de vidas anteriores seria uma habilidade inerente aos seres iluminados, e assim, na noite da sua iluminação Buda Shakyamuni teria direcionado sua mente para reconhecê-las, contando-as oralmente aos seus discípulos no Século VI a.C. Porém, apesar dos milhares de renascimentos que antecederam a sua iluminação, as Jatakas narram apenas cerca de quinhentos deles: aqueles nos quais Buda era um *Bodisatva* (ou *Bodhisattva* em sânscrito).

Ser um *Bodisatva* significa ter a determinação de tornar-se um ser iluminado, subjugando toda negatividade que causa dor e sofrimento e manifestando qualidades positivas com o propósito de beneficiar todos os seres. Assim, as histórias representam de uma forma direta ou indireta o incansável aperfeiçoamento do *Bodhisattva* ao longo de inúmeros nascimentos nos quais praticou as Dez Perfeições⁴: generosidade, virtude, renúncia, determinação, energia, paciência, amor ou bondade, sabedoria, verdade e equanimidade.

Logo, cada Jataka representa um desses nascimentos (cujo número, controverso na literatura, varia entre quinhentos e quinhentos e cinquenta) em diferentes reinos da existência cíclica (chamado *Samsara*) e demonstra como funciona a lei de causa e efeito, também conhecida como carma (ou *karma*).

Segundo os ensinamentos Budistas, o carma manifesta-se através das causas e conseqüências decorrentes da ação do corpo (as ações praticadas), da fala (as palavras verbalizadas), ou da mente (os pensamentos). Portanto, toda ação correta, cuja motivação pura é beneficiar os seres, acarretará carma positivo ou benéfico; assim como toda ação negativa que gere dor e sofrimento conduzirá a

³ Tornar-se iluminado ou atingir a iluminação significa despertar para a natureza pura dos fenômenos e da própria mente.

⁴ Para o Budismo Mahayana, são Seis Perfeições ou atitudes de um Bodisatva: generosidade, ética, paciência, esforço, concentração e sabedoria.

mais dor e mais sofrimento através do carma negativo.

O carma condiciona nossas experiências e nosso renascimento em um dos seis reinos da existência cíclica ou *Samsara*. O ciclo da existência é formado por três reinos inferiores (o reino dos animais, dos espíritos famintos e dos infernos) e três reinos superiores (o reino dos humanos, dos semideuses e dos deuses).

A Roda da Vida, uma imagem comum em templos Tibetanos, ilustra os seis reinos da existência cíclica (*Samsara*), os doze elos de interdependência, e três venenos da mente dos quais todos os demais se originam.



Figura 1: Roda da Vida. Fonte: Dharmamet⁵

⁵ DHARMANET. **A roda da vida**. [200-]. Disponível em: <<http://www.dharmamet.com.br/vajrayana/bhavachakra.htm>>. Acesso em: 02 de mar. 2009.

A parte principal refere-se aos seis reinos do *Samsara*, tendo abaixo os reinos inferiores, e acima os reinos superiores. Já na parte central, o semicírculo branco representa o carma positivo que conduz aos reinos superiores; o semicírculo preto representa o carma negativo que conduz aos reinos inferiores. No centro da roda, três animais ilustram os venenos da mente e que são a origem dos doze elos e dos seis reinos: o ódio ou aversão é representado pela serpente; o desejo ou apego é representado por um galo ou pássaro; e o porco ou javali representa a ignorância.

O reino dos infernos é conseqüência das ações motivadas pela raiva e ódio; o dos fantasmas famintos é decorrente das ações movidas pelo apego e ganância; o dos animais é proveniente das ações motivadas pela ignorância e estupidez; por sua vez, uma mistura de ações virtuosas e dos venenos da mente⁶ sem predominância de um deles resulta em um nascimento no reino humano; o reino dos semideuses é conseqüência das ações motivadas pela inveja e pela competição; por fim, o reino dos deuses é criado pelas ações motivadas pelo orgulho.

Seja qual for o reino da existência, experiencia-se a doença, a morte, a velhice e o renascimento e somente a iluminação pode liberar os seres sencientes⁷ desse ciclo. Por isso, segundo os ensinamentos Budistas, a experiência no reino humano é a mais rara, mas também a mais virtuosa, já que oportuniza a liberdade e a prática em um caminho espiritual, a compreensão da verdadeira natureza da fala, do corpo e da mente, bem como o seu direcionamento para ações virtuosas e altruístas.

Os Doze Elos de Interdependência, segundo Dharmanet (200-)⁸, representam a existência condicionada e são ilustrados na borda da roda através da ignorância, representada em uma velha mulher cega com uma bengala; da vontade, ilustrada em um oleiro fazendo um pote; da consciência, através de um macaco que pula de galho em galho; da forma, em um barco com duas pessoas; dos seis sentidos, em uma casa com seis janelas; do contato, representado por um casal que se abraça; da sensação, em um homem que tem seu olho ferido por uma flecha; do desejo, ilustrado por um homem que toma bebida alcoólica; do apego, através de

⁶ Segundo os ensinamentos Budistas, existem 84.000 venenos da mente, que seriam uma combinação de sentimentos como o apego ou desejo, a raiva, a ignorância e às vezes também o orgulho e inveja.

⁷ Expressão utilizada no Budismo para referir-se à todas manifestações de existência em qualquer dos seis reinos do *samsara*.

⁸ Documento eletrônico.

um macaco ou homem que pega uma fruta de uma árvore; da existência, ilustrada em uma mulher grávida; do nascimento em uma mulher que dá a luz; e por fim, da velhice e da morte, representadas em uma pessoa que carrega um cadáver.

Aquele que segura a roda representa a impermanência, e no lado direito superior, está o Buda, que aponta para lua em uma referência aos seus ensinamentos e ao caminho da liberação que eles representam.

A Roda da Vida conduz a uma reflexão dos "Quatro pensamentos que transformam a mente" no sentido de reduzir os venenos da mente. Esses pensamentos correspondem à uma compreensão da importância e raridade do nascimento humano; da impermanência de tudo o que experienciamos; do carma; e da existência do sofrimento.

Assim, basicamente, as histórias Jatakas narram como o carma funciona, de acordo com as vidas passadas de Buda, enquanto *Bodisatva*. Nelas, ele nasceu como um acrobata, um asceta, um asceta não-budista, um barbeiro, carpinteiro, treinador de elefante, fazendeiro, guarda florestal, jardineiro, ourives, negociador de cavalos, um caseiro, músico, médico, oleiro, um ladrão, como deus e semideus, um búfalo, um touro, um galo, um corvo, um elefante, um peixe, entre tantos outros renascimentos e inúmeras vezes, até atingir a iluminação.

Com relação aos ensinamentos Budistas, Jain e Daljeet (2008) e Varma (2003) esclarecem que os cânones Budistas são conhecidos como *Tipitaka* ou *Tripitaka*, cujo significado corresponderia a "Três Cestas", já que se dividem em três seções: *Sutta-Pitaka* (discursos de Buda), *Vinaya-Pitaka* (textos referentes à disciplina, à conduta de monges e monjas) e o *Abhidhamma-Pitaka* (ensinamentos especiais para a investigação da mente e da matéria através da filosofia, psicologia e da metafísica). Cada uma dessas três seções divide-se em coleções compostas por vários volumes. As Jatakas são o décimo livro da coleção *Khuddaka-Nikaya*, que é parte da *Sutta-Pitaka*, uma das "cestas" do *Tripitaka*. Acredita-se que as Jatakas foram originalmente materializadas através da escrita no idioma sânscrito, mas essas quase inexistem atualmente.

De acordo com Varma (2003), o *Tripitaka* teria sido compilado pela primeira vez no Primeiro Conselho Budista ocorrido em Rajgir após o falecimento de Buda Shakyamuni, em 483 a.C., durante o reinado do rei de Magadha, Ajatasattu.

Fascinantes, cobertas de magia e encantamento, são traduzidas e analisadas com frequência na literatura estrangeira, em comparação à escassa e

incipiente tradução nacional, cuja obra mais trivial é "Contos de Jataka" da autora russa Noor Inayat Khan. A editora Dharma do Instituto Nyingma publicou apenas quatro histórias adaptadas para crianças, como parte da Série de Contos Jatakas, sendo que duas delas já estão com a edição esgotada.

Apesar da sua pequena expressão no espaço literário nacional, elas são mundialmente conhecidas e despertam um grande interesse da comunidade Budista e não Budista. Através de inúmeras materializações escritas e imagéticas, transcenderam mais de vinte e cinco séculos na história da humanidade, transmitindo e propiciando a disseminação dos ensinamentos de Buda para muito além da sua origem temporal e espacial.

3 A informação no contexto das histórias Jatakas

Ao estudar as histórias Jatakas do ponto de vista da Ciência da Informação, emergem do nosso pensamento conceitos eurocêntricos fortemente arraigados, que contrastam com os conceitos orientais nelas representados.

Perceber essa diferença de concepção conceitual é um primeiro passo para evitar que o estudo seja influenciado por pressupostos ocidentais, que conduziriam a análise das Jatakas para uma definição que as classificariam como um mito, lenda ou fábula.

Assim, facilmente se poderia reduzi-las e compreendê-las como narrativas populares ou literárias de ações ou personagens imaginários (mito); ou transmitidas pela tradição misturando realidade com fantasia, e cuja autenticidade não pode ser provada (lenda); ou ainda como narrativas que se propõem a instigar a reflexão e a sugerir uma moral valendo-se da fantasia e de personagens fantásticos como animais que falam ou entidades inanimadas que "ganham vida" (fábula).

Embora faça sentido para a concepção literária, ao menos brasileira, de gêneros narrativos, o seu enquadramento nessas modalidades contradiz a representação, relevância, valor e aceção das Jatakas para a Comunidade Budista para quem a autenticidade dessas histórias é, não apenas plausível, como também inquestionável, haja vista tratarem-se dos ensinamentos de Buda.

Para transpor essa primeira dificuldade relacionada à análise da informação produzida em um contexto e cultura diferentes das do Século XXI, faz-se necessário tornar evidente os pressupostos nos quais estão fundamentados os conceitos utilizados no estudo. Nesse sentido, concordamos com Fernando Ilharco (2003) quando aponta para a importância de se observar as influências explícitas, ou não, dos pré-conceitos acerca da natureza do mundo e do conhecimento e que influenciam os resultados de uma investigação. Completaríamos com a necessidade de explicitar esses pressupostos como forma de atingirmos uma transparência teórica e metodológica.

Essa explicitação paradigmática oferece uma possibilidade de balizamento do conceito de informação, tarefa fundamental e de grande dificuldade em estudos de Ciência da Informação, haja vista sua polissemia. Como ressalta Ilharco (2003, p. 45):

[. . .] não existe definição de informação universalmente aceita não apenas porque o fenómeno em si mesmo seja imensamente complexo, mas antes porque os pressupostos de retaguarda, os axiomas em que a priori e implicitamente baseamos a análise fazem variar a natureza e os contornos do fenómeno informação [. . .].

Portanto, antes de definir o conceito informação que será utilizado, faz-se necessário um retorno aos axiomas que determinam os contornos desse conceito tal como aqui o utilizamos. Por isso, a informação contextualizada nas histórias Jatakas adotará um paradigma em consonância com a tentativa de rompimento com os conceitos eurocêntricos que enquadram tais histórias em uma classificação de acordo com os gêneros literários ocidentais.

Assim, o paradigma assumido para esse estudo será enquadrado dentro da proposta dos sociólogos Gibson Burrell e Gareth Morgan e apresentada por Fernando Ilharco (2003, p. 45-46), denominada “Enquadramento de Paradigmas”. Nela, a ação, a investigação e a atividade humana são representadas através de dois eixos cartesianos no qual o primeiro refere-se à ontologia da natureza da sociedade, ou do que é; e o segundo à epistemologia daquilo que é através da natureza subjetiva ou objetiva do conhecimento.

De acordo com os sociólogos, a relação entre natureza da sociedade e a do conhecimento pode ser representada através do cruzamento do eixo ontológico e epistemológico através dos quais o fenómeno da informação pode ser localizado e investigado sob diferentes perspectivas: a partir da mudança ou estabilidade da sociedade no eixo ontológico; e da natureza do conhecimento, subjetivo ou objetivo no eixo epistemológico. Esse cruzamento desenha quatro paradigmas: o paradigma Humanista, o Estruturalista, o Interpretivista e o Funcionalista:

Paradigmas da Informação

		Humanista	Estruturalista
		Informação como emancipação	Informação como poder
Natureza da Sociedade	Mudança (Heráclito)	Interpretivista	Funcionalista
	Estabilidade (Parmenidés)	Informação como significado	Informação como objecto
		Subjetiva	Objetiva
Natureza do conhecimento			

Figura 2: Paradigmas da Informação. Fonte: BURRELL; MORGAN, 1979 *apud* ILHARCO, 2003, p. 47⁹.

Nesse estudo, adaptamos a metodologia proposta pelos autores. A natureza da sociedade corresponde aqui à análise do fenômeno infocomunicacional, em dois aspectos diferenciados: a representação e a materialização da informação. Assim, o fenômeno infocomunicacional é estável quando se considera o conteúdo das histórias que representa e é mutável no que diz respeito à sua materialização e à sua comunicação.

Logo, a informação contida nas Jatakas apresenta-se como mutável do ponto de vista da sua materialização em diferentes suportes, em diferentes idiomas, como signo escrito e como imagem inscrita, enfim, é performática e adaptável à sua consolidação espacial e temporal. Porém, enquanto representação de um símbolo, a informação nuclear é constante, independente de sua materialização e do suporte em que esteja registrada para sua transmissão: sempre narra as vidas passadas de Buda através dos nascimentos do *Bodisatva*.

No que tange à natureza do conhecimento, o estudo remeterá à percepção da informação pelo indivíduo como subjetiva, já que se entende que cada sujeito extrairá delas um conhecimento de acordo com o seu carma. Aqui, o pressuposto utilizado baseia-se na percepção oriental, mais especificamente Budista, da subjetividade e da compreensão do mundo e dos seus fenômenos, porém, o ocidente já se curva para essa perspicuidade, como se constata na

⁹ BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.

exemplificação da descoberta da lei da gravidade comentada por Fernando Ilharco (2003, p. 35):

Revejamos, por exemplo, a famosa história da descoberta da lei da gravidade por Isaac Newton quando, descansando à sombra de uma árvore, viu-lhe cair uma maçã sobre a cabeça. Este facto costuma ser apontado sem mais explicações nem comentários como tendo levado Newton a descobrir a lei da gravidade. Assim, dessa forma, geralmente se destaca o papel da sorte e do acaso na descoberta científica... No entanto, a questão que coloca é a de como é que isso mesmo, essa tão extraordinária e revolucionária descoberta, aconteceu? Nada de linear parece existir entre uma tarde de descanso no campo, uma maçã e a lei da gravidade. A prova disso é que seguramente já muitas maçãs haveriam caído sobre outras cabeças sem que ninguém tivesse descoberto a lei da gravidade nem qualquer outra lei... Foi necessário que uma maçã caísse sobre a cabeça de Newton, um homem com uma longa preparação filosófica e científica, para que fosse estabelecida uma nova e vital relação entre a maçã e a sua queda. Aquele evento, a forma como Newton o apreendeu, a forma como a queda da maçã o perturbou [. . .] desencadeou em Newton um tipo de efeito, de compensação, que o levou à descoberta da lei da gravidade.

Portanto, a informação é subjetiva na medida em que indivíduos podem chegar, a partir de um mesmo dado, a perturbações de informação diferentes, como se percebe nos estudos de recepção, ou de usuários.

A compreensão da informação como subjetiva, humana e social, baseia-se em conceitos diferentes da tradicional aceção de informação, na qual a sua gênese estaria diretamente relacionada ao universo do registro e da documentação. Esta percepção fundamenta a definição proposta por Yves-François Le Coadic (2004, p. 4): “[. . .] a informação é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte.”, percebendo-a como concebida e solidificada em um instrumento externo ao sujeito.

Essa definição tradicional desconsidera a origem das Jatakas: a psiquê humana (ou iluminada) na qual as lembranças das vidas passadas de Buda foram retomadas e posteriormente por ele transmitidas oralmente; ou seja, desconsidera tanto os aspectos humanos e psicossomáticos que a conceberam, assim como a oralidade que a comunicou até que a sua materialização escrita e imagética acontecesse.

Portanto, concordamos com Silva e Ribeiro (2002, p. 38) ao afirmarem que:

O registro material ou físico faz a Informação existir, mas não a faz ser. A sua 'essência' é de raiz psíquica e social, ou seja, radicada, por um lado, na mente humana e, por outro, na interação dos sujeitos com o meio natural e entre si, interação esta 'coisificada' num código, como a língua, que é parte integrante do fenômeno, e do qual difere a materialização num suporte físico externo à pessoa humana (a voz e o gesto são intrínsecos à natureza humana e por isso não cabem dentro desse tipo de materialização...).

Logo, os autores percebem a informação como predecessora da documentação, do seu registro e materialização, ao compreenderem-na como um fenômeno social e comunicacional, cuja origem remete às características e habilidades humanas.

Por outro lado, entendem que tanto o seu registro quanto a sua materialização em um suporte e em determinada forma (escrita, imagética, sonora entre outros) é o que permitirá a sua consolidação assim como a transcendência das barreiras comunicacionais, geográficas e temporais, já que: “O código pode, pois, ser falado, mas consolida-se e intensifica-se se for escrito.” (SILVA, RIBEIRO, 2002, p. 23), correspondendo a documentação e o registro não à sua gênese, mas sim a um reforço para proceder à sua comunicação.

Assim, compreender a informação como fenômeno social e comunicacional originado nas representações mentais, do conhecimento e das faculdades humanas, permite determiná-las enquanto tal, no contexto das histórias Jatakas, desde a sua gênese e não a partir da sua materialização e representação. Significa portanto, entender “[. . .] a Informação [como] algo em si mesma e anterior à coisificação/materialização que lhe dá temporalidade e espacialidade.” (SILVA, RIBEIRO, 2002, p. 29). Ou seja, ver a sua origem no agente social que a concebe, e não no objeto que a solidifica.

A compreensão da informação como fenômeno é retomada por Silva (2006) e é compartilhada por Ilharco (2003), ao compreendê-la de forma não linear, como consequência da subjetividade; por entender que o seu caráter fenomênico “[. . .] ocorre no domínio do significado das coisas, dos factos, dos eventos, dos conceitos e das noções que nos envolvem.” (ILHARCO, 2003, p. 39), como um processo de conquista e de adequação ao mundo, aos outros e a nós mesmos de acordo com a(s) experiência(s) de cada indivíduo.

Logo, o fenômeno seria provocado por uma perturbação, concluindo-se que “[. . .] a informação é a diferença que faz a diferença.” (ILHARCO, 2003, p. 54).

Porém, cabe destacar que há aí duas diferenças distintas e dependentes. A primeira refere-se à perturbação que ela causa ao indivíduo em relação ao seu conhecimento ou percepção diante de novos dados, fatos ou informações; a segunda, a “que faz a diferença”, refere-se à modificação resultante dessa perturbação causada pela primeira diferença e que é dependente dos pressupostos relativos a ela. Esse resultado é “[. . .] o que a informação é.” (ILHARCO, 2003, p. 55)

Assim, a informação contextualizada nas histórias Jatakas é um fenômeno social e comunicacional, como reflexo das faculdades humanas (ou iluminadas) e psicossomáticas que a conceberam e as transmitiram oralmente para posterior materialização no tempo e no espaço através da escrita e da imagem. Configuram-se como estáveis na sua representação, e mutáveis na sua materialização, gerando conhecimentos e experiências subjetivas a partir da diferença que faz a diferença expressa na sua narrativa que nada mais é a informação nesse contexto.

4 O processo da representação e da materialização das histórias Jatakas

O filósofo Paul Ricoeur no seu artigo "Arquitetura e narratividade", faz uma reflexão sobre a memória a partir do conceito de Aristóteles, para quem a memória significava "tornar presente a ausência", "tornar presente o ausente" referindo-se ao imaginário ou ao passado, compreendendo-a, assim, como presença do que foi. Por meio de um paralelo entre a narratividade e a arquitetura, o autor demonstra o que entende por dialética da memória "[. . .] no qual a arquitetura seria para o espaço, o que a narrativa é para o tempo [. . .]" (RICOEUR, 1998, p. 44), através de estágios por ele denominados de preconfiguração, configuração e reconfiguração.

Inicia-se aqui outro paralelo, mas entre a reflexão proposta por Ricoeur e o processo de representação e materialização das histórias Jatakas.

Partindo da origem dessas histórias, percebe-se que a presença do que foi remete às lembranças das vidas passadas de Buda que tornaram presente o passado. Nesse ponto, a representação das Jatakas, entendida aqui como o núcleo constante e comum a todas as histórias, encontra um correspondente na memória tal como propõe o filósofo.

Segundo Ricoeur (1998), a transformação da memória em narrativa informa aos outros o que foi vivido através de um caráter declarativo e testemunhal. Assim, a memória tanto retoma o passado quanto o materializa na narrativa. No caso da representação das Jatakas, a sua primeira materialização foi a narrativa oral da qual se partiu para a materialização escrita e imagética.

Para acompanhar o paralelo proposto pelo autor, a narrativa corresponderá à materialização escrita, e a arquitetura à materialização imagética desdobradas nos três estágios mencionados.

De acordo com a proposta de Ricoeur (1998), o primeiro estágio (a preconfiguração) em relação à narrativa, refere-se ao que antecede a forma literária, como uma "[. . .] 'intromissão' da narrativa na vida, sob a forma da conversação ordinária [. . .]" (RICOEUR, 1998, p. 46), envolvendo consciência e identificação do agente da ação narrada. Assim, "Essas narrativas somente ganham sentido no intercâmbio das memórias, das vivências e dos projetos." (RICOEUR, 1998, p. 46) através do contato com outras pessoas com as quais elas serão trocadas.

Com relação à arquitetura, a preconfiguração remete a relação direta entre a idéia de habitar-construir, já que "[. . .] antes de qualquer projeto arquitetural, o homem construiu porque ele habitou." (RICOEUR, 1998, p. 46), no sentido da necessidade de habitar, no qual estabelece uma relação entre abrigo e deslocamento, lugar onde fixar-se e espaço a percorrer.

Assim, a relação entre a preconfiguração da narrativa e da arquitetura está no fato de que "[. . .] toda história de vida se desenrola em um espaço de vida." (RICOEUR, 1998, p. 47), estabelecendo uma interdependência entre o espaço construído e o tempo narrado que são concomitantes e constantes, embora por vezes não seja premeditado. É como um reflexo do contexto comum àqueles que o executam, mesmo que o façam inconscientemente de forma simultânea.

No que diz respeito às Jatakas, tanto a preconfiguração da sua materialização escrita como imagética correspondem à oralidade, tendo a primeira o correspondente ao pré-literário, à interação entre Buda e seus discípulos; e a segunda, à idéia que é inscrita ou representada tanto para fixar-se no espaço físico como para percorrê-lo através do tempo.

O segundo estágio, o da configuração, refere-se à narrativa como a etapa na qual "[. . .] o ato de contar liberta-se do contexto da vida cotidiana e penetra na esfera da literatura. Há inicialmente uma inscrição pela escrita, depois pela técnica narrativa." (RICOEUR, 1998, p. 47), e portanto remete ao aspecto literário, no qual as técnicas mencionadas referir-se-iam à reunião da história em uma trama ou enredo; o seu esclarecimento e o confronto de diversas narrativas que se opõem, ou não, ao longo da história.

Já a configuração arquitetural, primeiramente refere-se tanto ao fazer através de uma síntese espacial da sua diversidade, quanto a uma trama de diversos aspectos físicos e urbanos para chegar a uma unidade, como uma condensação do tempo através do espaço construído e, composição arquitetural tanto da obra vista isoladamente quanto a partir do contexto no qual se insere e que coabita e encaixa-se entre outras construções.

Assim, para o autor, o ato de construir representaria uma "vitória provisória sobre o efêmero", uma vez que: "Se é a escrita que confere duração à coisa literária, é a dureza do material que garante a duração da coisa construída." (RICOEUR, 1998, p. 49), o que também remete a escrita para o triunfo mencionado.

Para as Jatakas, esse estágio foi e é fundamental para a sua

infocomunicação. Em relação à escrita, as traduções do sânscrito para o pali e depois para o inglês deu-lhes maior visibilidade e tornou-as mais acessíveis para diferentes leitores com interesses variados, ao mesmo tempo em que permitiu as suas adaptações através de técnicas narrativas. Já em relação à imagem, a sua configuração dispõe-se em santuários, templos e cavernas em meio à outras configurações da mente iluminada, nas quais todas pretendem representar a existência de uma natureza pura, embora cada uma o faça de forma diferenciada.

A terceira etapa, a reconfiguração, no que diz respeito à narrativa seria expressa pela leitura, e portanto, expressa defronte ao leitor, evocando a dialética entre a escrita e a leitura:

[. . .] retomado e assumido no ato de ler, o texto desenvolve sua capacidade de iluminar ou de esclarecer a vida do leitor; ele tem ao mesmo tempo o poder de descobrir, de revelar o escondido, o não-dito de uma vida subtraída ao exame socrático, mas também aquele de transformar a interpretação banal que faz o leitor segundo a inclinação do dia-a-dia. Revelar (em um sentido de verdade ao qual Heidegger nos tornou sensíveis), mas também transformar, eis o que traz o texto fora de si próprio. (RICOEUR, 1998, p. 50)

O ato de ler, então, relaciona-se com as expectativas do leitor em relação àquilo que lê e ao conseqüente confronto ou encontro com elas.

A reconfiguração arquitetural também remete à recepção daquele que a lê, mas no sentido daquele que a habita e a percebe através da satisfação não só das suas expectativas, mas também das suas necessidades.

Assim, a reconfiguração das Jatakas através da escrita e/ou das pinturas e esculturas remete ao caráter subjetivo da informação através da leitura da escrita ou da releitura (no sentido de interpretação) das imagens, e que por sua vez, pode conduzir a uma outra releitura a partir de uma perturbação, ou da diferença que faz a diferença.

Percebe-se que todas as etapas (prefiguração, configuração, e reconfiguração), tanto na narratividade/escrita quanto na arquitetura/imagem, remetem a uma "leitura plural" e a uma "intertextualidade" das memórias de cada um daqueles que delas fizeram parte:

Concluindo, eu diria que o que nós reconstruímos é a idéia, que se tornou um pouco banal, de “lugar de memória”, mas como composição pensada, refletida, do espaço e do tempo. Trata-se, na verdade, de memórias de épocas diferentes que são recapituladas e mantidas em reserva nos lugares onde elas estão inscritas. [. . .] O mesmo ocorre tanto com a coisa construída quanto com a literária. Nos dois casos há competição entre os dois tipos de memória. Para a memória-repetição, nada vale mais do que o conhecido; o novo é odioso. Para a memória-reconstrução, o novo deve ser acolhido com curiosidade e com o cuidado de reorganizar o antigo a fim de dar espaço a esse novo. Trata-se, nada menos, de desfamiliarizar o familiar e de familiarizar o não-familiar. (RICOEUR, 1998, p. 51)

Portanto, a memória ou a idéia entendida por Ricoeur (1998) pode remeter-nos para a representação das histórias Jatakas, através do seu núcleo constante independentemente da sua materialização: as vidas passadas de Buda, nas quais a materialização permite tornar presente a anterioridade (no caso, essas lembranças) e estabelecê-la pelo discurso da narrativa ou da imagem, como a configuração dessas memórias. Logo, a dialética proposta por Ricoeur (1998) pode ser estendida em relação à materialização imagética e escrita dessas histórias, como equivalente à dialética entre a arquitetura e narratividade respectivamente.

Teríamos portanto:

		Estágios		
		Preconfiguração	Configuração	Reconfiguração
Paralelo segundo Ricoeur	Narratividade	Pré-literário	Literário	Leitura
	Arquitetura	Idéia; habitar-construir	Construir	Releitura; habitar
Nas Jatakas	Escrita	Oralidade	Literário	Leitura
	Imagem	Oralidade	Esculpir e Pintar	Releitura

Figura 3. Paralelo entre Narratividade e Escrita; Arquitetura e Imagem.

Em suma, a preconfiguração da escrita e da imagem dessas histórias refere-se à narrativa oral iniciada por Buda no Século VI a.C. até a etapa da configuração, na qual foram escritas sob a forma literária, bem como esculpidas e pintadas em cavernas e santuários no Extremo Oriente. Por fim, têm-se a reconfiguração através daquele que faz a sua leitura ou releitura a partir da sua materialização.

Percebe-se que os processo de representação e de materialização das histórias Jatakas são distintos, mas dependentes um do outro, no qual a escrita é para o tempo o que a imagem é para o espaço, coexistindo e reforçando a memória que retratam através das informações que transmitem.

4.1 O processo de representação das histórias Jatakas

Seguindo o paralelo proposto por Ricoeur (1998), o processo de representação das Jatakas corresponderia à memória, mais precisamente, às lembranças das vidas passadas de Buda. No entanto, para demonstrar como ocorre e manifesta-se esse processo, é necessário remeter-nos à transformação do objeto em signo, percebendo a oralidade que a transmitiu como a narrativa de Buda já configurada através da escrita e da imagem, porém independentemente do suporte e dele desvinculado remetendo, assim, diretamente à informação que transmite. Portanto, significa analisar *o que é* independente de *como é*, ou de como se constitui, toma forma.

No caso das Jatakas, o *o que é*, refere-se à representação das vidas passadas de Buda Shakyamuni enquanto *Bodisatva*, ou seja, o núcleo dessas histórias, que apesar das mais de quinhentas representações é sempre o mesmo ainda que mude o tipo de nascimento (humano, animal, como um deus...), a mensagem transmitida, os personagens nelas representados, as situações, os versos, a sua extensão, entre outros.

Perceber essa constância quando as histórias estão materializadas imagneticamente requer um conhecimento prévio sobre elas a fim de identificar os personagens ou o nascimento ilustrado. Já com relação à escrita, basta identificar a parte que se refere à história do nascimento anterior.

Para demonstrar essa representação constante, três histórias serão transcritas e traduzidas, mantendo a estrutura utilizada da obra "*The Jataka or Stories of the Buddha's Former Births*", que será comentada na abordagem sobre a materialização escrita das histórias. Na primeira delas, a vida anterior de Buda enquanto *Bodisatva* ocorre no reino animal, na forma de um antílope, na segunda no reino humano como um jogador de dados, e na terceira como um pombo, também

no reino animal:

Nº 21
KURUŅGA-JĀTAKA.

"O antílope conhece bem." - Esta história foi contada pelo Mestre, sobre Devadatta¹⁰, enquanto estava no Bosque de Bambu. Certa vez, quando os Irmãos estavam reunidos no Hall da Verdade, eles estavam sentados, falando de Devadatta, em tom de repreensão, dizendo: "Senhores, a fim de destruir o Buda, Devadatta contratou arqueiros, arremessou uma pedra, e soltou o elefante Dhana-pālaka; de todas as formas, ele vai tentar matar o Senhor da Sabedoria." Entrando e acomodando-se no assento preparado para ele, o Mestre perguntou, dizendo: "Senhores, qual é o tema que estão discutindo aqui na reunião?" "Senhor", foi a resposta, "nós estávamos discutindo a maldade de Devadatta, dizendo que ele estava sempre prestes a matar você." Disse o Mestre: "Não é só nos dias de hoje, Irmãos, que Devadatta tenta matar-me, ele teve intenções similares no passado também, - mas não foi capaz de matar-me." E assim dizendo, ele contou a história do passado.

Uma vez, quando Brahmadata estava reinando em Benares¹¹, o Bodisatva veio à vida como um antílope; vivia em seu abrigo na floresta e costumava alimentar-se de frutas para viver.

Em um determinado período, ele estava se alimentando do fruto de uma árvore de sepaṇṇi. E havia um caçador da aldeia, cujo método era construir uma plataforma em árvores ao pé das quais encontrava rastros de veado, para ver do alto a chegada dos animais que vinham comer os frutos das árvores. Quando chegava o veado, ele o matava com uma lança, e vendia sua carne para sobreviver. Esse caçador um dia marcou as pegadas do Bodisatva ao pé da árvore, e fez uma plataforma no alto de seus galhos. Tendo tomado seu café da manhã bem cedo, ele

¹⁰ Primo de Buda Shakyamuni que tentou matá-lo porque sentia por ele muita inveja e pretendia assumir a liderança da comunidade monástica.

¹¹ Também conhecida como Varanasi, uma cidade do Estado de Uttar Pradesh, na Índia.

entrou na floresta com a sua lança e sentou-se sobre a sua plataforma. O Bodisatva, também, veio cedo para comer o fruto dessa árvore, mas ele não estava com muita pressa de aproximar-se dela. "Porque", pensou ele consigo, "por vezes estes caçadores de plataformas constroem plataformas nos galhos. Poderia ser que isso tenha acontecido aqui?" E ele parou a certa distância para observar. Vendo que o Bodisatva não se aproximava, o caçador, ainda sentado em sua plataforma, jogou frutas para baixo, na frente do antílope. Disse o antílope a si próprio, "Aqui está o fruto vindo ao meu encontro; pergunto-me se há um caçador lá em cima." Então ele olhou e olhou, até enxergar o caçador na árvore, mas, fingindo não ter visto o homem, ele gritou, "Minha valorosa árvore, até agora você tem tido o hábito de deixar cair seus frutos direto para o solo como uma planta rasteira suspensa, mas hoje você deixou de agir como uma árvore. E, portanto, como você deixou de se comportar como uma árvore, eu também devo mudar, e procurar por comida sob outra árvore." E assim dizendo, ele repetiu estes versos:

*O antílope conhece bem os frutos que você deixa cair.
Eu não gosto disso; alguma outra árvore vou procurar.*

Então, o caçador de sua plataforma arremessou sua lança no Bodisatva, gritando, "Vá-se embora! Eu não consegui acertá-lo desta vez." Virando-se, o Bodisatva parou e disse, "Você pode não ter me acertado, meu bom homem, mas tenha certeza, você não perdeu a recompensa de sua conduta, ou seja, os oito infernos Grandes e os dezesseis Menores e todas as cinco formas de grillhões e tormentos." Com estas palavras, o antílope seguiu o seu caminho e o caçador também desceu e seguiu seu caminho.

Quando o Mestre terminou este discurso e repetiu o que havia dito sobre Devadatta ter tentado matá-lo em dias passados também, ele mostrou a conexão e identificou o Nascimento, dizendo, "Devadatta era o caçador da plataforma desses dias, e Eu próprio o antílope".

Nº 91.
LITTA-JĀTAKA.

"Ele engole o dado." - Esta história foi contada pelo Mestre, enquanto estava em Jetavana¹², sobre o uso de coisas de modo impensado.

A tradição diz que a maioria dos Irmãos daquele tempo tinham o hábito de usar de uma forma impensada mantos e assemelhados, que eram doados a eles. E seu uso descuidado dos Quatro Requisitos¹³ como regra impediu que escapassem do castigo de renascer no inferno e no mundo animal. Sabendo disto, o Mestre determinou as lições da virtude e mostrou o perigo de tal uso impensado das coisas, encorajando-os a serem cuidadosos no uso dos Quatro Requisitos, e estabelecendo esta regra: "O Irmão reflexivo tem um objetivo claro em mente quando veste um manto, ou seja, evitar o frio." Depois de estabelecer normas semelhantes para os outros Requisitos, ele concluiu dizendo: "Tal é o uso pensado que deveria ser feito dos Quatro Requisitos. Usá-los impensadamente é como tomar veneno mortal; e havia aqueles, no passado, que com seu descuido tomaram inadvertidamente o veneno, sofrendo grande dor no tempo devido." Dizendo assim, ele contou esta história do passado.

Certa vez quando Brahmadata reinava em Benares, o Bodisatva nasceu em uma família próspera financeiramente e, quando ele cresceu, tornou-se um jogador de dados. Com ele costumava jogar um vigarista, que se mantinha jogando enquanto estava ganhando, mas, quando a sorte virava, interrompia o jogo, colocando um dos dados em sua boca, fingindo que estava perdido, - e depois se retirava. "Muito bem", disse o Bodisatva quando ele compreendeu o que estava sendo feito, "vamos investigar isso." Então, ele pegou alguns dados, untou-os em casa, com veneno, secou-os cuidadosamente e, em seguida, levou-os consigo até o trapaceiro, a quem desafiou para um jogo. O outro concordou, os dados foram jogados, e o jogo começou. Logo que o vigarista começou a perder, colocou um dos dados na sua boca. Observando o seu ato, o Bodisatva comentou, "Engula, você

¹² Monastério Budista localizado em Sravasti, na Índia.

¹³ 1º compreender a lei de causa e efeito; 2º aceitar as regras de disciplina; 3º manter uma inabalável fé na existência da natureza de Buda; 4º estar determinado a ser bem sucedido em qualquer método que escolha.

não deixará de descobrir o que realmente é, em pouco tempo." E ele proferiu estes versos de repreensão:

Ele engole o dado sem vergonha, - não sabendo

Que veneno queimador nele espreita.

Sim, engula isso, vigarista! Em breve, você vai queimar por dentro.

Mas enquanto o Bodisatva estava falando, o veneno começou a agir no trapaceiro; ele ficou fraco, seus olhos giraram, e curvando-se de dor caiu ao chão. "Agora", disse o Bodisatva, "Eu preciso salvar a vida do malandro". Então, ele misturou algumas substâncias e deu um purgante a ele até que vomitasse. Em seguida, ele deu um punhado de ghee¹⁴ com mel e açúcar e outros ingredientes, e assim fez o rapaz ficar bem novamente. Então ele o encorajou a não fazer tal coisa novamente. Depois de uma vida dedicada à caridade e outras boas ações, o Bodisatva morreu, para seguir seu caminho de acordo com seu merecimento.

Sua lição terminou, o Mestre disse: "Irmãos, o uso impensado das coisas é como tomar descuidadamente veneno mortal." Assim dizendo, ele identificou o Nascimento com estas palavras, "Eu próprio fui o sábio e bom jogador daqueles dias."

(Nota Pāli. "Nenhuma menção é feita ao trapaceiro - a razão disso, como em outros casos, nenhuma menção é feita de pessoas que não são mencionadas nesta época").

Nº 277.

ROMAKA-JĀTAKA.

"Aqui na montanha", etc .-- Esta história foi contada pelo Mestre, quando estava no bosque de bambu, sobre uma tentativa de assassinato. As circunstâncias se auto- explicam.

¹⁴ Um tipo de manteiga.

Certa vez, quando Brahmadata foi rei de Benares, o Bodhisatta tornou-se um pombo, e com um grande bando de pombos vivia em meio à floresta em uma caverna na montanha. Havia um asceta, um homem virtuoso, que tinha construído uma cabana para ele, perto de uma vila fronteiriça, não muito longe do local onde os pombos estavam, e lá, em uma caverna na montanha, ele vivia. O Bodisatva visitava-o de tempos em tempos, e ouvia dele coisas que valiam a pena serem ouvidas.

Depois de viver lá por muito tempo, o asceta foi embora, e aí veio um falso asceta, e passou a viver lá. O Bodisatva, juntamente com o seu bando de pombos, visitava-o e cumprimentava-o respeitosamente; passavam o dia saltitando ao redor da moradia do eremita, pegando comida em frente a caverna e, ao anoitecer, retornavam para casa. Lá, o asceta impostor viveu durante mais de cinquenta anos.

Um dia os aldeões deram-lhe um pouco de carne de pombo que tinham cozinhado. Ele gostou muito do sabor, e perguntou o que era. "Pombo", disseram. Pensou ele, "Bandos de pombos vem à minha casa; eu preciso matar alguns deles para comer".

Então ele pegou arroz e ghee, leite e cominho e pimenta, preparou tudo e colocou ali perto; em um canto do seu manto, ele escondeu um pedaço de pau, e sentou na porta da cabana esperando a chegada dos pombos.

O Bodisatva veio, com seu bando, e tentou ver que coisa maldosa este asceta trapaceiro estaria fazendo. "Aquele maldoso asceta está sentado ali sob falsos pretextos! Talvez ele tenha se alimentado de algum da nossa espécie; Eu vou desmascará-lo!"

Então ele desceu para o sotavento, e percebeu a sua intenção. "Sim", disse ele, "o homem quer nos matar e nos comer, não devemos chegar perto dele," e ele voou embora com o seu bando. Ao vê-lo afastado, o asceta pensou, "Eu vou falar palavras doces para ele, e tornar-me amigo dele e, em seguida, matá-lo e comê-lo!" e ele proferiu os dois primeiros versos:

*"Aqui na montanha, por cinquenta e um anos,
O aves de penas! as aves vieram me visitar,
Suspeitando de nada, nada sabendo de medos,
Em doce segurança!"*

*Estas mesmas crianças dos ovos agora parecem
Voar desconfiadamente para outra montanha.
Porventura esqueceram toda sua antiga estima?
Serão elas as mesmas aves ainda?"*

Em seguida, o Bodisatva deu um passo para trás e repetiu o terceiro verso:

*"Nós não somos tolos, e conhecemos você;
Somos os mesmos, e você também:
Você tem projetos contra a nossa felicidade,
Então, herege, esse medo nós sentimos."*

"Eles me descobriram!" pensou o falso asceta. Ele jogou seu pedaço de pau no pássaro, mas errou o alvo. "Afasta-te!" disse ele - "Eu errei o alvo!" "Você não conseguiu nos acertar", disse o Bodisatva", mas você não perderá os quatro infernos! Se você ficar aqui, vou chamar os habitantes da aldeia e fazê-los prendê-lo como ladrão. Vá embora, rápido!" Assim, ele ameaçou o homem, e voou para longe. O ermitão já não poderia viver ali.

O Professor terminou este discurso, identificando o Nascimento: "Naquela época Devadatta era o asceta; o primeiro asceta, o homem bom, foi Sāriputta¹⁵, e o chefe dos Pombos era eu mesmo."

Nessas transcrições percebe-se uma estrutura constante. Contudo ela pode variar dependendo da tradução ou da adaptação dessas histórias. O que é comum a todas elas é a narrativa das vidas passadas de Buda, o *Bodisatva* como personagem principal, ainda que apresentado sob diferentes formas, assim como acontecerá com as esculturas e pinturas nas quais são representadas, e que serão

¹⁵ Um dos principais discípulos de Buda.

abordadas na materialização imagética das Jatakas, a seguir.

Assim, a partir da transição da etapa da preconfiguração em configuração, do objeto em signo, ou como aqui proposto, da representação em materialização, manifesta-se o fenômeno infocomunicacional, desde o conceber, vinculado à idéia oriunda das faculdades psicossomáticas que dão a forma, até o interagir relacionado e dependente da sua solidificação na materialização.

4.2 O processo de materialização das histórias Jatakas

Esse processo será analisado através dos Tokens, que significam a materialização de Signos Simbólicos, escritos ou imagéticos, que os representam em pinturas e esculturas. Para a Comunidade Budista a imagem reveste-se de grande significado e a importância. Seguindo o paralelo proposto por Ricoeur (1998), esse processo corresponderia à etapa de configuração dessas histórias através da sua materialização enquanto literatura, pintura ou escultura.

Nela, o fenômeno infocomunicacional fica ainda mais evidente através da solidificação da idéia representada e de sua consequente interação e disseminação, como um prolongamento do seu propósito, sem o efeito de redução do seu significado:

[. . .] a pretensa 'coisificação' da informação é impossível porque por mais concretos e externos ao observador que sejam os 'artefactos informacionais' (livros, periódicos, manuscritos etc), eles são extensões do pensamento e da ação humana e social, contendo, por isso, uma margem variável de imprecisão e de representação subjectiva, sem que, contudo, tal margem inviabilize formas mais elaboradas de conhecimento. (SILVA, RIBEIRO, 2002, p. 31)

No que diz respeito às Jatakas, esse materializar em um suporte e em uma forma específica teve, e tem, inúmeros sujeitos envolvidos ao longo de vários séculos, configurando a interação infocomunicacional através dos diferentes processos de materialização e das diferentes releituras possíveis a partir delas.

4.2.1 Materialização através da escrita

A tradução mais famosa das histórias Jatakas é intitulada “*The Jataka or Stories of the Buddha’s Former Births*” e foi traduzida do idioma pali para o inglês, inicialmente em 1880 pelo Professor Rhys David e continuada por membros da “*The Pali Text Society*” da Inglaterra sob a coordenação e revisão de E. B. Cowell.

Sua primeira publicação foi em 1895 e, em 1990, teve sua quinta reimpressão, porém dessa vez como parte da “*UNESCO Collection of Representative Works*”, um projeto extinto em 2005, no qual a UNESCO patrocinava a tradução e publicação ou simplesmente a republicação de obras expressivas da cultura de certos Estados Membro, em particular os da Ásia, a fim de torná-las acessíveis ao grande público e aos estudantes.

No prefácio da referida obra, E. B. Cowell aponta que o tema reencarnação na literatura era raro, “quase um incidente isolado” descrito até então apenas na literatura grega quando Pitágoras relata ser sabedor de suas vidas passadas como Euforbo, que lutou e foi morto por Menelau na Guerra de Tróia, ou como o profeta Hermótimo, entre outras reencarnações suas.

A obra “*The Jataka or Stories of the Buddha’s Former Births*” é formada por seis volumes distribuídos em três partes, e contém 550 histórias organizadas em 22 livros ou *nipatas* de acordo com o número de *Gathas* (versos) citados em cada história. Sua estrutura nesse livro é comum à todas elas: começam com o relato da circunstância que levou Buda a narrar a história do nascimento e “No final há sempre um curto resumo, no qual Buda identifica os diferentes personagens na história no presente nascimento deles no tempo do seu discurso [. . .]” (COWELL, 1990, p. xxiii, tradução nossa).

Para Jain e Daljeet, de uma forma geral, as Jatakas possuem quatro componentes: “[. . .] primeiro, a história presente; segundo, a história do passado; terceiro, a interpretação de cada *Gatha* ou *Gathas*; e quarto, a revelação de Buda de quem cada personagem era e a co-relação de cada evento [narrado] com o presente.” (JAIN; DALJEET, 2008, tradução nossa).¹⁶

Ao afirmar que a linguagem das *Gathas* é muito mais arcaica que a do

¹⁶ Documento eletrônico.

restante da história, Cowell (1990) conclui que se pode considerá-las como o “núcleo antigo da obra”. Menciona, inclusive que “A tradição nativa do Ceilão [atual Sri Lanka] é de que o livro original das Jatakas consistia apenas de *Gathas*, e o comentário em tese, contendo as histórias que as ilustram, foram escritas há muito tempo em cingalês.” (COWELL, 1990, p. xxiv, tradução nossa). Esses comentários ou a história propriamente dita e que ilustra e explica o verso ou *Gatha*, teriam sido escritas por Buddhaghosa no idioma pali a partir do cingalês, cerca de 430 a.C. Depois disso o original em cingalês teria sido perdido. Contudo, essa versão foi contestada por Rhys David, que acreditava que a própria comunidade Budista haveria redigido esses comentários ao longo dos anos.

Cowell (1990) afirma que as Jatakas podem ser reconhecidas em obras de Boccaccio ou Poggio que tinham-nas como histórias alegres ou divertidas, assim como:

[. . .] por algum bardo galês para embelezar as lendárias glórias do Rei Arthur, ou por um budista samana ou monge medieval para adicionar pontos ao seu discurso. Chaucer inconscientemente colocou uma história Jataka na boca do seu Vendedor de Indulgências quando ele conta sua história dos “Três rufiões”; e outra aparece em Heródoto como uma explanação popular da ascensão rápida dos Alcmeônidas [uma poderosa família ateniense] através do casamento de Mégacles com a irmã de Clêstenes [Agarista] e a rejeição do seu rival Hipoclêides. (COWELL, 1990, p. xxiii, tradução nossa)

A mesma afirmativa é defendida por Jain e Daljeet (2008) ao mencionarem o registro das Jatakas em inúmeros livros budistas e não-budistas e em diversas línguas, como as que foram recontadas no *Pancha-tantra* (histórias para educação de príncipes), e que levaram-na à Europa, na qual:

[. . .] nas escritas de Boccaccio, Poggio, La Fontaine, [Geoffrey] Chaucer e Shakespeare muitas Jatakas são recontadas ou são suas variantes. O mais curioso é a transformação do herói das Jatakas, o Bodhisatta, em 'Josafá da Índia' e a absorção dele na doutrina e folclore cristão. O santo cristão do sétimo século São João de Damasco [ou Damasceno] não só recontou as aventuras do Bodhisatta como Barlaão e Josafá mas com o passar do tempo Josafá também foi canonizado como um santo cristão. (JAIN, DALJEET, 2008, tradução nossa).¹⁷

¹⁷ Documento eletrônico.

Além da sua já notável admiração, representação e adaptação para além do oriente, Cowell (1990) amplia a importância das Jatakas ao afirmar que elas são interessantes não só,

[. . .] como espécimes da literatura Budista, mas elas principalmente interessam a nós para compreender a sua relação com o folclore e a luz que elas freqüentemente lançam sobre essas histórias populares que ilustram tão vividamente as idéias e superstições do princípio da civilização. Em relação a isso, elas possuem um valor especial, já que, apesar de muitos dos seus tópicos serem específicos do Budismo, o seu conteúdo reunido com isso é uma incomparável coleção de folclore. Elas também são de grande interesse por fornecerem uma imagem viva da vida social e dos costumes da Índia antiga. (COWELL, 1990, p. xxv, tradução nossa).

Tratam-se de fato de histórias com ampla repercussão no tempo e no espaço refletidas nas diferentes materializações escritas, não só no que diz respeito às traduções, mas também às adaptações, releituras, e aos estudos que dela emanam.

4.2.2 Materialização através da imagem

Além dos registros literários, as histórias estão igualmente materializadas e ilustradas em pinturas e esculturas. Isso justifica-se pelo significado das imagens no Budismo: representar a mente iluminada de Buda. Elas servem como um foco para aqueles que praticam os ensinamentos, e funcionam como um espelho no qual a pureza ali representada pode ser percebida naqueles que a observam.

Cowell (1990), Varma (2003) e Jain e Daljeet (2008), afirmam que a antiguidade das histórias Jatakas pode ser confirmada por essa materialização imagética através das cenas que se encontram esculpidas em cavernas nas ruínas do santuário de Sanchi, Amaravati, Nagarjunakonda e Goli. Em Bhārthut os títulos de diversas Jatakas estão claramente inscritas ao longo de algumas cavernas em baixo relevo, assim como pinturas nas cavernas de Ajanta, o que prova que essas histórias eram amplamente conhecidas no terceiro século a.C. e que já eram

consideradas como parte sagrada da religião Budista.

Além dos santuários e templos, algumas peças esculpidas em pedra, mármore, e xisto cinza, encontram-se em museus na Índia: *Amaravati Museum, Indian Museum, Madras Government Museum, Bharat Kala Bhavan*; no Paquistão: *Central Archaeological Museum, National Museum, Peshawar Museum*; no Afeganistão: *Kabul Museum*; na Inglaterra: *British Museum*; na Tailândia: *Chiang Mai*; entre outros.

A materialização em esculturas e pinturas que transcendem séculos e mantém vivas estas histórias, ganham reforço nas tradições que as enaltecem como acontece nos:

[. . .] países como a Tailândia, Myanmar e Sri Lanka ainda têm uma tradição viva de narrar as histórias do Buda por via de mural e outras pinturas nos mosteiros. Mas infelizmente é preciso lembrar a destruição de miríades de pinturas ou histórias pictóricas nos nichos esculpidos no Afeganistão, particularmente em Bamiyan. Algumas destas pinturas e remanescentes similares estão sendo agora preservados na Suíça em um museu. (VARMA, 2003, tradução nossa)¹⁸

Neste estudo, assim como as três histórias foram transcritas para demonstrar a constância da sua representação, algumas imagens obtidas na Internet serão apresentadas para exemplificar o processo de materialização imagética delas, e de outras não transcritas aqui.

Por exemplo, a Litta-Jataka, a história na qual o *Bodisatva* era um jogador de dados, foi ilustrada em Bharhut através da materialização na pedra esculpida em baixo e alto relevo:

¹⁸ Documento eletrônico.



Figura 4: Litta-Jataka (nº 91)¹⁹. Fonte: Indira Gandhi National Center for the Arts

A Romaka-Jataka, história na qual Buda nasceu como um pombo em uma floresta, estaria representada nessa peça do *Government Museum*, na cidade de Mathura, no Estado de Uttar Pradesh, na Índia:



Figura 5: Romaka-Jataka (nº 277)²⁰. Fonte: The Huntington Photographic Archive of Buddhist and Related Art.

¹⁹ Disponível em: <<http://ignca.nic.in/asp/showbig.asp?projid=jtk2>>. Acesso em: 19 maio 2009.

²⁰ Disponível em: <<http://huntington.wmc.ohio-state.edu/public/index.cfm?listOfKeywords=romaka&fuseaction=getResults>>. Acesso em 19 maio 2009.

Nas cavernas de Ajanta, na Índia, entre inúmeras pinturas e esculturas, estão as histórias Jatakas. Apesar de essas cavernas datarem aproximadamente do segundo século a.C., elas só foram "descobertas" acidentalmente pelos ocidentais em 1819, enquanto oficiais do exército britânico caçavam um tigre, e desde 1983, elas integram a lista do Patrimônio Mundial da UNESCO.



Figura 6: Cavernas de Ajanta²¹. Fonte: UNESCO.

Em uma das suas cavernas, a Mahajanaka-Jataka, que não foi transcrita neste trabalho, está ilustrada em pinturas que datam do Século V d.C. Nela, resumidamente, um príncipe suspeita de seu irmão, sem motivo, rebela-se contra ele e mata-o. A esposa do rei, que estava grávida, foge da cidade; o seu filho é trazido de volta sem saber quem é o seu pai, mas quando ele conhece a verdade, vai ao mar em uma aventura mercantil. Ele naufraga, e uma deusa leva-o para o reinado do seu pai, onde depois de responder algumas perguntas difíceis, ele casa com a filha daquele que usurpou o reino. Pouco a pouco, ele torna-se um asceta e é seguido por sua esposa. Nessa história, o Buda identifica o seu nascimento anterior como o rei Mahajanaka.

²¹ Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/242/>>. Acesso em: 19 maio 2009.



Figura 7. Mahajanaka-Jataka (nº 539)²². Fonte: The Huntington Photographic Archive of Buddhist and Related Art.

Outro exemplo é o da história Vessantara-Jataka. Em fragmentos arqueológicos do sítio de Goli, na Índia, e que hoje estão no *Madras Government Museum*, percebe-se a representação da narrativa na qual, resumidamente, o *Bodisatva* aperfeiçoa a generosidade através do nascimento como o príncipe

²² Disponível em: <<http://huntington.wmc.ohio-state.edu/public/index.cfm?fuseaction=showThisDetail&catalogueNavigationBox=inSearch&detail=small&ObjectID=30017618>>. Acesso em: 19 maio 2009.

Vessantara, que doa seu elefante branco mágico (possui o poder de fazer chover) a moradores de uma cidade que passava por uma grande seca. Com isso, ele e sua família foram banidos de sua cidade. Assim, ele desfaz-se de tudo o que possuía, inclusive seus dois filhos. No final, tudo acaba bem, Vessantara juntamente com sua esposa e filhos retornam a cidade.



Figura 8: Vessantara-Jataka (nº 547)²³. Fonte: The Huntington Photographic Archive of Buddhist and Related.

Diversas ilustrações Tailandesas da Vessantara-Jataka, estão no *Asian Art Museum*, na Califórnia e imgeticamente materializam suas diferentes cenas, que teria uma importância especial nesse país:

²³ Disponível em: <<http://huntington.wmc.ohio-state.edu/public/index.cfm?fuseaction=showThisDetail&catalogueNavigationBox=inSearch&detail=large&ObjectID=21645>>. Acesso em: 19 maio 2009.

No nordeste da Tailândia um festival é realizado todos os anos na Primavera para celebrar a vida do Buddha como Vessantara. Sua história é contada em templos, e também é preservada na forma visual em pinturas em tecido, como essa. Mais de quatro metros de comprimento são carregados em procissão para a declamação no hall do templo da vila, onde o tecido permanece em exibição por todo o festival. O ornamento torna visível a história de Vessantara e fornece uma referência para os comentários sobre ela. Quando os ornamentos tornam-se desgastados do uso eles são ritualmente destruídos e substituídas por novas versões. Como resultado, as versões mais antigas são raras. Esse, juntamente com três no Walters Art Museum, em Baltimore, podem ser os únicos exemplos em museus fora da Tailândia. (ASIAN ART MUSEUM, 2007, tradução nossa)²⁴

Na pintura abaixo, a cena representada é Vessantara doando o seu elefante branco aos moradores da cidade que sofria de seca:

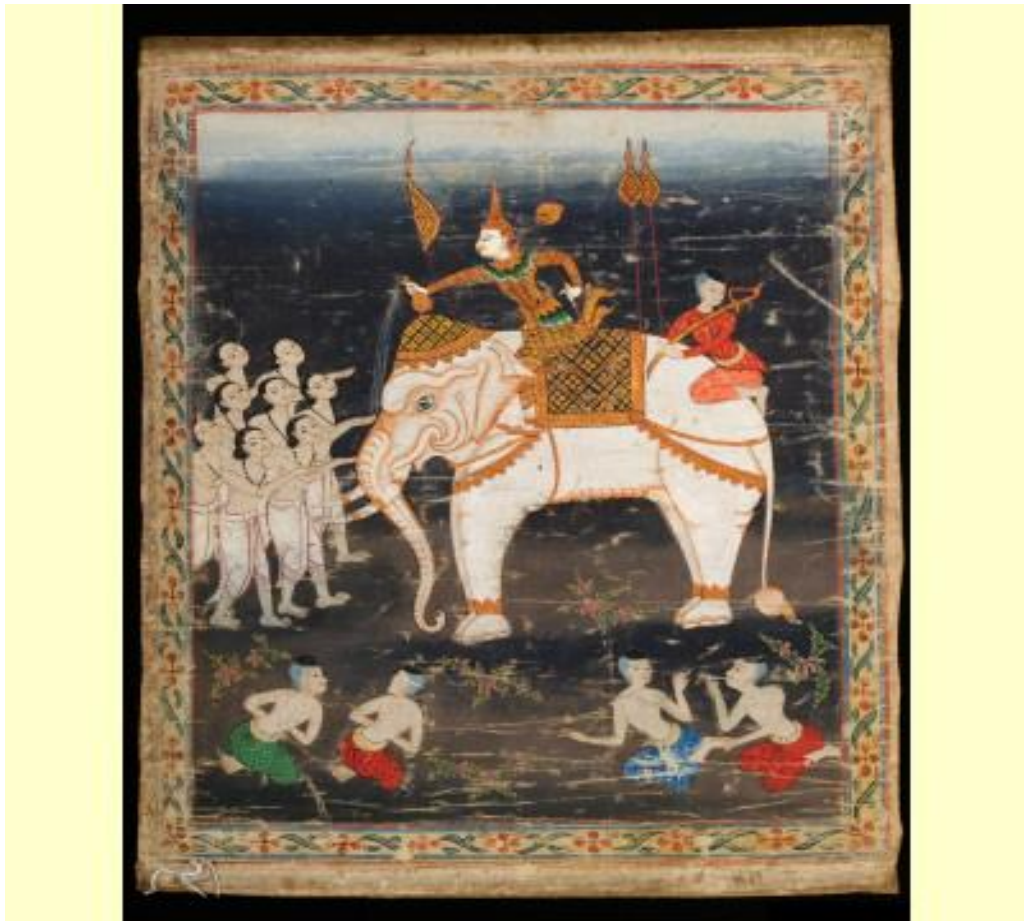


Figura 9: Vessantara-Jataka (nº547)²⁵. Fonte: Asian Art Museum

²⁴ Documento eletrônico.

²⁵ Disponível em:

<<http://67.52.109.59/code/emuseum.asp?style=browse¤trecord=9&page=search&profile=objects&searchdesc=vessantara&quicksearch=vessantara&newvalues=1&newstyle=single&newcurrentrecord=15>>. Acesso em 19 maio 2009.

Além da materialização em santuários, templos e cavernas, e dos festivais anuais na Tailândia, as Jatakas são também representadas de outras formas, com outro enfoque.

Anualmente, a *International Board on Books for Young People* (IBBY) oportuniza à uma seção nacional a escolha de um tema sobre o qual um escritor famoso daquele país redige uma mensagem para as crianças do mundo, e um renomado ilustrador desenha um pôster no qual ela é transmitida, para celebrar e enaltecer o dia internacional do livro infantil, comemorado desde 1967 no dia 2 de abril, como uma referência ao dia do nascimento de Hans Christian Andersen. O objetivo é promover a leitura entre as crianças. Em 2008, o tema foi as Jatakas e o autor e ilustrador da mensagem, foi o artista tailandês Chakrabhand Posayakrit, que nela escreveu²⁶:

Los libros instruyen. El saber deleita.

La búsqueda del saber a través de la lectura debe recibir un trato prioritario y debe ser fomentado desde la infancia.

En mi opinión, a los niños tailandeses, desde siempre, se les ha inculcado el deseo de conocer a través de la lectura, y ésta se ha basado en una cultura y una tradición. Los padres son sus primeros profesores, y los clérigos, sus principales mentores. Ellos han guiado y educado a los más pequeños tanto intelectual como mentalmente, tanto en asuntos mundanos como espirituales.

Así, para realizar este cuadro, yo encontré la inspiración en las ancestrales tradiciones de Tailandia: contar cuentos a los niños para educarlos haciéndoles leer inscripciones grabadas en hojas de palmera que luego se colocaban sobre pequeñas mesas plegables diseñadas exclusivamente para leer sobre ellas.

Las historias escritas en hojas de palmera generalmente provienen del Budismo. Hablan de la vida de Buda y de las historias de los jatakas, con la noble*

²⁶ Transcrição da tradução em espanhol da mensagem escrita por Chakrabhand Posayakrit, no pôster comemorativo do Dia Internacional do Livro 2008. Disponível em: <http://www.amigosdelibro.com/web/imagenes/dia_internacional_del_libro_2008.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2009.

intención de cultivar las mentes de los jóvenes y de infundirles fe, imaginación y sentido de la moralidad.

Chakrabhand Posayakrit

14 de diciembre, 2006

**Según la tradición budista, los jatakas son historias que cuentan fragmentos de las vidas anteriores de Buda. Los protagonistas de estas historias pueden ser hombres o animales que encarnaron a Buda y a otros personajes relacionados con él. Algunos jatakas son fábulas de animales inteligentes o de hombres sabios. Otros cuentan cosas acerca de héroes que vivieron en reinos mágicos. Y otros son poesías antiguas o leyendas sagradas de brahmanes y ermitaños. Los jatakas son historias maravillosas.*

Essa mensagem acompanha o pôster por ele ilustrado, no qual está uma criança tailandesa lê as Jatakas sob uma folha de palmeira:

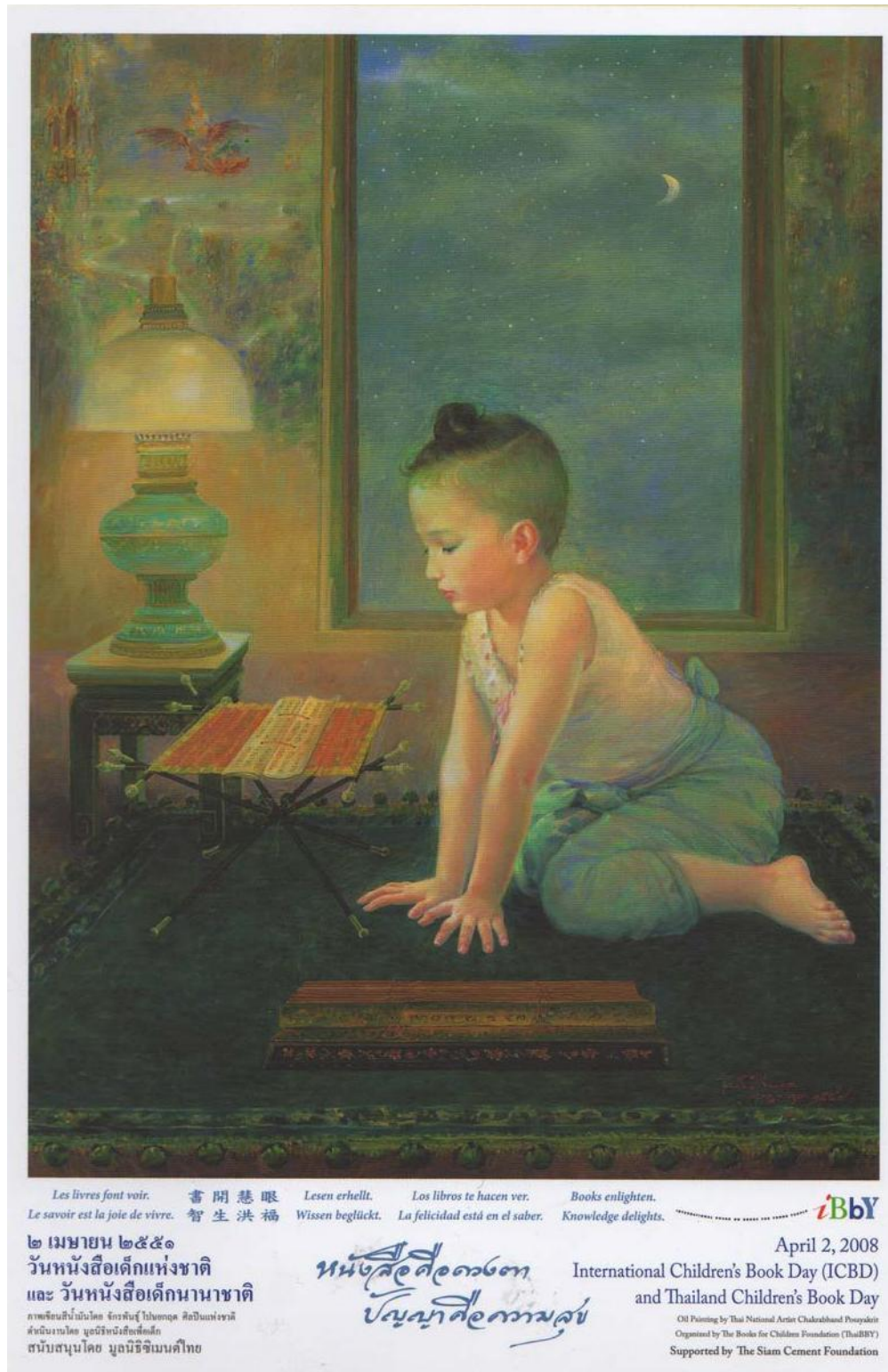


Figura 10: Pôster comemorativo do Dia Internacional do Livro 2008²⁷. Fonte: Happy Writers.

Assim, percebe-se tanto no processo de representação quanto no de materialização das Jatakas, o interesse que elas despertam, e a preocupação de

²⁷ Disponível em: <<http://www.happywriters.net/userimages/IBBY2008.jjjpg>>. Acesso em: 19 maio 2009.

mantê-las através de diferentes manifestações.

Desde a sua preconfiguração na oralidade no Século VI a. C, e da representação constante das vidas passadas de Buda enquanto *Bodisatva*, até a sua solidificação em diferentes suportes e formas há pelo menos vinte e cinco séculos, as Jatakas demonstram uma perseverança admirável e especial. Mesmo que traduções e imagens tenham sido perdidas ou destruídas ao longo desses séculos, elas permanecem acessíveis aos nossos olhos, à nossa curiosidade e apreço.

Evidentemente, essa longevidade não pode ser justificada por um ou outro processo, seja o de representação ou materialização imagética ou escrita, mas sim pelo conjunto deles, entendido nesse estudo como o processo infocomunicacional que abordaremos a seguir.

5 O fenômeno infocomunicacional através da representação e da materialização da informação no contexto das histórias Jatakas

O fenômeno infocomunicacional constitui uma relação direta entre informação e comunicação, sendo a primeira compreendida como fenômeno humano e social que envolve o processo cognitivo; e a segunda decorrente da interação entre indivíduos. Cabe ressaltar, porém, que mesmo "[. . .] o processo comunicacional é precedido por factores psíquicos (inteligência, memória, emoção, imaginação, motivação...) sem os quais a comunicação verbal, gestual ou icônica é pura e simplesmente inviabilizada ou bloqueada." (SILVA, RIBEIRO, 2002, p. 23) Portanto, assim como a gênese da informação está nas faculdades psicossomáticas do ser humano, elas igualmente garantem sua transmissão.

Na relação existente entre a comunicação e a informação, percebe-se uma dependência unilateral, já que, segundo Silva e Ribeiro (2002) a comunicação não ocorre sem a informação, mas esta pode ocorrer sem ser comunicada. A mesma relação de dependência ocorre com o documento, pois "[. . .] o registro, num suporte exterior ao sujeito produtor da informação, é também algo que acontece *a posteriori* [. . .]" (SILVA, 2006, p. 24-25) depois de concebida a informação, com o intuito de proceder à comunicação.

Assim, de forma resumida e simplificada, o fenômeno infocomunicacional pode ser representado pelo seguinte esquema:

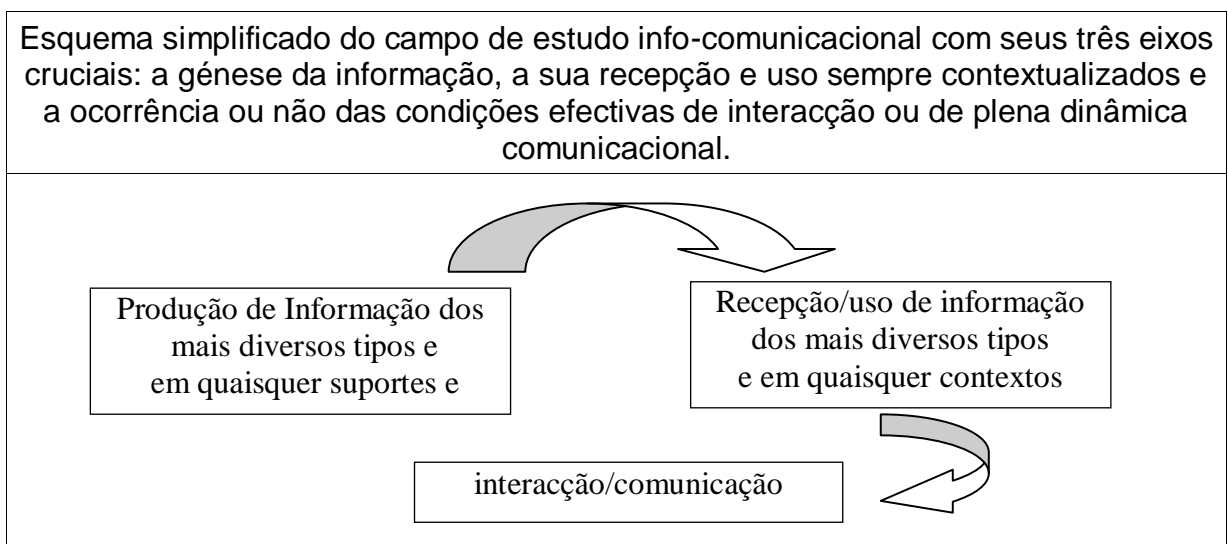


Figura 11: Campo de estudo infocomunicacional. Fonte: SILVA, 2006, p. 105.

Nas Jatakas, o fenômeno infocomunicacional acontece através da sua representação e materialização, tendo na primeira o correspondente para a informação, ou seja, a idéia, a mensagem; e as materializações, o correspondente para a comunicação, no sentido de configurarem-se como canais que viabilizam a sua transmissão e interação.

Logo, a mesma relação de dependência antes mencionada pode ser novamente observada, seja na materialização em relação à representação, seja no fenômeno infocomunicacional em relação à ambas, uma vez que a materialização, tanto imagética quanto escrita, não aconteceria se não houvesse uma idéia representada; assim como não ocorreria o fenômeno infocomunicacional das Jatakas, não houvesse a representação e a materialização dessas histórias.

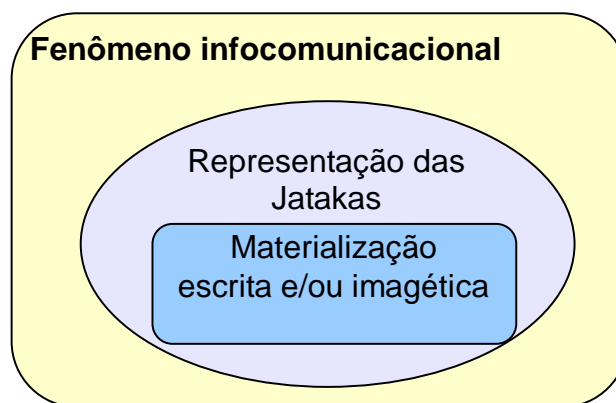


Figura 12: Fenômeno infocomunicacional através da representação e da materialização das Jatakas.

Esse conjunto que propiciou séculos de infocomunicação, encontra hoje um reforço no Paradigma Pós-custodial que experienciamos com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) nas quais observa-se uma mudança comportamental na procura e obtenção da informação (cuja principal fonte passou a ser a Internet), como também na sua concepção e disseminação cada vez mais imediatista (Twitter, Wikipédia, entre outros) e "invisível" para uma parcela dos seus usuários (como aquelas difundidas e geradas nos colégios invisíveis, fóruns e listas de discussão, entre outros).

Logo, a informação sob a ótica do novo paradigma configura-se como pós-custodial por não estar mais atrelada à custódia de um ou outro acervo, documento, ou registro: ela pode estar concomitantemente em diferentes suportes, disponibilizada em diferentes lugares e meios, e acessível em diferentes idiomas e

formas de representação (oral, escrita, imagética entre outros), podendo ser lida, ouvida, sentida, observada, enfim, usufruída por diferentes pessoas com diferentes necessidades e ao mesmo tempo.

Com as Jatakas não é diferente: além da materialização escrita e publicada em livros, artigos e trabalhos científicos, pode-se encontrá-las na Internet em inúmeros *sites* e em inúmeras traduções e adaptações. O mesmo acontece com as imagens que além dos santuários, cavernas e templos nos quais originalmente foram materializadas, encontram-se em fotografias disponibilizadas na Internet e em peças de museus em diferentes países. O fenômeno infocomunicacional das Jatakas ocorre então a partir de inúmeros sujeitos que as disseminaram para além das barreiras físicas, geográficas e temporais da sua concepção.

Em relação à Ciência da Informação, o Paradigma Pós-custodial reflete-se diretamente em uma mudança epistemológica de percepção do seu objeto e conseqüentemente, da prática. Assim, segundo Silva e Ribeiro (2002):

Enquanto o Paradigma Custodial da Ciência da Informação remete a(o)...	... o Paradigma Pós-custodial da Ciência da Informação remete a(o)...
a) valorização do documento, custódia e preservação;	a) valorização da informação como fenômeno humano e social que abarca em si mesma a historicidade e a riqueza patrimonial e cultural;
b) "imobilismo" documental;	b) dinamismo natural da informação;
c) compartimentação documentalista da informação no espaço institucional e/ou tecnológico;	c) contexto dinâmico de produção, retenção/memória e uso/consumo da informação;
d) prática informacional baseada em modos e regras de fazer para a classificação, ordenação e recuperação da informação;	d) compreensão da informação através de modelos teórico-científicos;
e) práticas metodológicas da História, Direito e da Ciência da Administração;	e) universo dinâmico das Ciências Sociais;
f) lógica instrumental;	f) lógica científico-compreensiva da informação;
g) estabelecimento ou imposição de regras operativas.	g) compreensão do sentido das práticas.

Figura 13: Quadro comparativo do Paradigma custodial e Pós-custodial na Ciência da Informação.

Portanto, o Paradigma Pós-custodial implica diretamente na prática e no objeto da Ciência da Informação que deixaria de ser o documento, e passaria a ser a informação contextualizada no fenômeno infocomunicacional e desvinculada de um suporte.

Por isso, ao profissional da informação faz-se necessário "[. . .] investigar como se produz, com que fim, quando e como, como se guarda, como se transmite, usa e transforma o fluxo humano e social de signos, de símbolos, de representações de todo o tipo. (SILVA, 2006, p. 104) para muito além das paredes do seu domínio, passando então a ser muito mais do que responsável pela sua custódia, tratamento, intermediação e disseminação, uma vez que:

Radicando o seu objecto científico no fenómeno info-comunicacional (informação + comunicação) e fixando-o numa abordagem horizontal e transversal a toda a actividade humana e social, a C.I. ultrapassa o instrumentalismo documentalista ou arquivístico tradicional e investe na indagação compreensiva [. . .] (SILVA, 2006, p. 107)

Dessa forma, o carácter científico da Ciência da Informação fica evidenciado em uma mudança na sua base epistemológica que permite ampliar a prática tecnicista e mecanicista vigente em torno do seu objeto (a informação) através do estudo da sua gênese, organização e do comportamento informacional.

Com relação às Jatakas, o fenômeno infocomunicacional observado através da sua representação e materialização demonstra e reforça a pertinência desse novo paradigma tanto em relação à prática como em relação ao objeto da Ciência da Informação, haja vista o seu impacto na maneira pela qual a informação é procurada, transmitida, e concebida.

6 Considerações finais

A Ciência da Informação, na qual a Biblioteconomia está inserida, tal como é proposta por Silva (2006) e Silva e Ribeiro (2002), demonstra claramente uma mudança na sua base epistemológica que altera não só a percepção do seu objeto, como também a prática em torno dele.

Nada mais natural que diante de mudanças tão visíveis e consideráveis na maneira pela qual a informação é concebida, organizada, compartilhada e comunicada, ocorra uma transformação do paradigma que a norteia.

O comportamento informacional dos ditos usuários e não usuários de uma Biblioteca já reflete essa mudança paradigmática que, ao interferir na gênese, organização e disseminação da informação, acaba por influenciar a base epistemológica da Ciência da Informação.

A interação viável a partir das tecnologias da informação e da comunicação, remete a uma informação "democrática" e, por vezes, volátil, imediatista e eficiente, na qual somos todos expectadores e potenciais agentes do fenômeno infocomunicacional que vivenciamos.

Mesmo as Jatakas, que remetem ao Século VI a.C., demonstram a influência da não custódia, da desvinculação de um suporte sólido para o fenômeno infocomunicacional que se vale da materialização, qualquer que seja. Ademais, a reflexão sobre a informação tida como humana e social, encontra nas Jatakas um correspondente claro.

O que as torna especiais, vai muito além da sua longevidade. Trata-se do seu potencial subjetivo inerente à informação. Para um praticante Budista, elas podem provocar reflexão, compreensão, conhecimento, e um progresso no caminho espiritual. Para um leigo, elas podem significar momentos de lazer, distração, e porque não, introspecção. Mas para um profissional da informação, elas são um prato cheio de possibilidades culturais, filosóficas, históricas, artísticas, literárias...

Para aquele que ainda adota o Paradigma Custodial, talvez o seu valor limite-se ao contexto histórico e patrimonialista que o documento sugere. Contudo, para aquele que sempre procurou a tão enaltecida ciência da sua prática, o Paradigma Pós-custodial permitirá ampliar a sua percepção para além do suporte que lhe apresenta.

A informação no contexto das Jatakas mostra-se como humana e social na sua concepção, representação e subjetividade. Sendo ela o objeto de estudo desse profissional, compreender a sua gênese, organização na sociedade, e o comportamento informacional tanto de quem a transmite como de quem a requer, amplia a sua prática para além das paredes que o rodeia, para o contexto dinâmico da produção, da memória e do uso da informação.

Para esse profissional, as Jatakas assim como qualquer informação que lhe chegue às mãos, ou aos olhos, é o componente propulsor do fenômeno infocomunicacional, o qual não só observa, como do qual também faz parte.

Portanto, o profissional da informação só tem a ganhar com tal perspectiva, desde que se insira nesse processo assumindo uma postura pró-ativa não só de disseminador e mediador da informação, mas também como incentivador do dinamismo natural da informação e como enaltecendor da sua gênese fenomênica nas faculdades humanas e sociais que remetem a um valor histórico e cultural pela sua natureza ontológica, mas que já aponta o seu potencial epistemológico.

A adoção do Paradigma Pós-custodial e da compreensão da informação como fenômeno social e humano significa uma libertação, uma emancipação decorrente da compreensão da prática, e que permite o fazer com o propósito de fomentar o fenômeno infocomunicacional no todo, ao invés de apenas percebê-la e concebê-la até onde seus olhos podem ver, para o espaço físico que "domina".

Assim, esse profissional deixa de ser um simples obreiro, e passa a integrar o combustível que impulsiona o fenômeno infocomunicacional, ou quem sabe até, passa a fazer parte da sua matéria-prima.

Referências

- ASIAN ART MUSEUM. **Telling tales**: illustrated storytelling scrolls. São Francisco, 2007. Desenvolvido por Chong-Moon Lee Center for Asian Art and Culture. Disponível em: <<http://www.asianart.org/tellingtales.htm>>. Acesso em 19 maio 2009.
- COWELL, E. B. (Coord.). **The Jataka or stories of the Buddha's former births**. Oxford: The Pali Text Society, 1990.
- DHARMANET. **A roda da vida**. [200-]. Disponível em: <<http://www.dharmanet.com.br/vajrayana/bhavachakra.htm>>. Acesso em: 3 maio 2009.
- ILHARCO, Fernando. **A filosofia da informação**: uma introdução à informação como fundação da acção, da comunicação e da decisão. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.
- JAIN, P. C.; DALJEET, Dr. The Jatakas – a tell tale vision of Buddhism. **Newsletter Archives**. Exotic Índia: Delhi, Jan., 2008. Disponível em: <<http://www.exoticindiaart.com/article/jatakas>>. Acesso em: 12 jan. 2009.
- LE COADIC, Yves-Francois. **A ciência da informação**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2004.
- RICOEUR, Paul. Arquitetura e narratividade. **Urbanisme**, n. 303, nov./dez. 1998, pp. 44-51.
- SILVA, Armando Malheiro da. **A informação**. Da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico. Porto: Afrontamento, 2006.
- SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das “Ciências” documentais à Ciência da Informação**: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Afrontamento, 2002.
- VARMA, C. B. **The illustrated Jataka & other stories of the Buddha**. Nova Deli, 2003. Disponível em: <http://ignca.nic.in/jatakint.htm#_edn1>. Acesso em: 15 fev. 2009.

Glossário de termos Budistas

Abhidamma Pitaka: uma das divisões do *Tripitaka*. Corresponde à filosofia mais elevada, que abrange metafísica e psicologia. Compõe-se de sete livros.

Bodisatva (ou Bodhisatta): ser empenhado em atingir a iluminação, ou seja, tornar-se um Buda para beneficiar todos os seres, e através desse compromisso trabalha para aperfeiçoar virtudes e realizar boas ações.

Buda (ou Buddha): desperto, iluminado. Termo utilizado para referir-se àquele que alcançou a iluminação.

Buda Shakyamuni: o Buda dessa era, o Buda histórico.

Carma: significa ação. Pode ser positivo (no Budismo denomina-se mérito), ou negativo, de acordo com a motivação que conduziu a ação. Assim, a lei de causa e efeito refere-se a interdependência entre ações e suas consequências.

Jatakas: “Histórias de Nascimentos”. Constitui-se uma seção do *Khuddaka Nikaya*, e narra as vidas passadas de Buda Shakyamuni.

Gathas: versos.

Khuddaka Nikaya: Coleção de textos curtos. Compõe-se de 18 livros sendo um deles as Jatakas. Constitui-se uma seção do *Sutta Pitaka*.

Maitreya: o próximo Buda. Acredita-se que ele virá quando os ensinamentos de Buda Shakyamuni houverem sido totalmente destruídos e desaparecidos.

Nikayas: coleção dos discursos de Buda (*Sutta Pitakas*).

Nipata: livros.

Samsara: ciclo de renascimento e morte através dos seis reinos (humanos, deuses e semideuses - reinos superiores; animais, fantasmas famintos e infernos - reinos inferiores).

Sutta Pitaka (ou Sutra Pitaka): Compreende os ensinamentos e discursos proferidos por Buda Shakyamuni a seus discípulos. É uma seção do *Tripitaka*. Cada *sutta* (ensinamentos e discursos de Buda) é agrupado em cinco *nikayas* (coleções), sendo uma delas o *Khuddaka Nikaya*, no qual estão inseridas as Jatakas.

Tipitaka (ou Tripitaka): Significa “três cestas”. Extenso e importante cânone budista, composto de três cestos ou divisões: *Vinaya Pitaka*, *Abhidamma Pitaka* e *Sutta Pitaka*.

Vinaya Pitaka: uma das divisões do *Tripitaka*. Corresponde aos textos que orientam as regras de conduta individual de monges e monjas, assim como a conduta na comunidade budista. Seus textos dividem-se em quatro seções.